O soneto português [1]

Nunca possuirá un conhecimento completo da sensibilidade portuguesa e da poesia, que a expressou, quem nao houver percorrido o longo e opulento filâo do soneto. Effectivamente aquelle modesto invento de Pierre des Vignes, o infeliz ministro do italianisado imperador Frederico II da Allemanha, teve em Portugal uma fortuna crescente, em que ha momentos de desfavor ou desamparo das boas graças, mas em que se ostentam momentos de alta inspiração, variantes de genio na historia geral dessa pequenina forma metrica. Um desses instantes gloriosos reconheceu-o Wordsworsth na quelle soneto, em que celebra as glorias e excelsitudes do achado de Vignes. Shakespeare, Milton, Spenser, Petrarcha, Tasso, Dante e Camôes sâo os marcos miliarios que elle lembra nessa historia da sensibilidade europea, percorrida a largas passadas.

Camôens soothed it an exile's grief.

E Sainte Beuve quando, imitando e paraphraseando um pouco esta peça do poeta dos *Ecclesiastical Sonnets,* delineou igual panegyrico, nâo se esqueceu tambem do significado de Camôes na evoluçâo do genero:

Camôens de son éxil abrège la longueur,
car il chante en sonnets l'amour et son empire.

Nâo pudéram os dois panegyristas do soneto presencear phases posteriores do destino delle atraves da lingua portuguesa, aliás haveriam mencionado aquelle altissimo poeta, que escolheu justamente o soneto para nelle moldar todas os emoçôes e inquietaçôes da sua alma poderosa, entre nós a mais sensivel, a mais rica e a mais identificada com as dores do seculo e tambem a mais dotada da magia rara de volver em formas e imagens o que ha de mais incoercivel, abstracto e metaphysicamente subtil na vida interior. Esse poeta, Anthero de Quental, se nâo deixou de sacrificar a outros generos como a ode e o

(1) Adelantamos a los lectores este estudio de Figueiredo, nuestro ilustre consocio, prólogo a un libro en prensa de don José María de Cossío. Al prologuista y al autor agradecemos la fineza. (N. de la R).

poemeto—de que nos legou a inestimavel collecção das chamadas *lugubres*—preferiu sempre o soneto para secretario da sua sensibilidade, fiel registrador dos movimentos da sua alma. Camões, o poeta do heroismo, foi tambem o genial descobridor da alma humana na litteratura portuguesa, porque foi elle quem desceu aos mais reconditos desvãos do sentimento e do soffrimento, quem por invios páramos sem outra bussola além da sua inspiração, percorreu á vontade, seguramente e em todos os sentidos a vida interior, o mundo do illogico e do irracional. De olhos fitos num typo de belleza ideal, absolutamente irrealizavel, desesperou-se á busca do retrato fiel e inattingivel, retomando sempre esse thema dilecto e abandonando-o logo, desolado da insufficiencia dos meios da sua arte. A historia do neoplatonismo na Renascença não póde deixar de considerar este poderoso reflexo esthetico da concepção das idéas puras do velho philosopho-poeta do *Phedon*. E isso que Camões executou com as harmonias dos seus versos, outro português expôs doutrinariamente, em dialectica philosophica: Leão Hebreu com a sua philographia.

O poeta da tyrannia deliciosa do amor, o cantor das suas contradições, o elegiaco subtil das desventuras «deste inferno de amar», da solidão entre gentes, da mediocridade oppressiva da vida, tragica para quem leva um thesouro de emoções dentro de si, o creador da linguagem illogica dos paradoxos cultistas—que dir-se-hia um prenuncio formal de Gongora—pareceu haver exgotado para sempre os recursos do soneto, como lyra da saudade e do coração. Quanto mais profundos e verdadeiros eram os accentos dos poetas posteriores mais camoneanos se figuravam, entre elles o maravilhoso Rodrigues Lobo, cuja triste e meditativa hydrophilia tambem ja se encontra em Camões. E as proprias bellezas descriptivas do soneto arcadico, o lyrismo dum Xavier de Mattos, a emphase na dôr dum Bocage, a Camões conduzem, confessadamente. E'preciso attingir o realismo para encontrar modalidades novas no parnasianismo pictorico e scenico dum Gonçalves Crespo, dum Antonio Feijó, na eloquencia philanthropica, victorhuguesca dum Gomes Leal ou na satyra canalha dum Guilherme de Azevedo. Mas para nos transportarnos a alta esphera dum Camões, para vermos traduzida em moderno a sua poderosa sensibilidade temos de nos abeirar de Anthero de Quental e descansar á margen da fresca lympha reparadora da sua poesia. A'distancia de seculos o mesmo poder de analyse interior, o mesmo

genio verbal irmana esses dois vates; sómente os aparta o signal diverso das suas sensibilidades, um realizando e padecendo a concepção heroica e lyrica da vida, outro ideando o conceito intellectualista e soffrendo-lhe o vacuo mudo e esterilizador. Mas a envergadura e o arrôjo do vôo da encyclopedia do amor, que formam os sonetos camoneanos, e o adêjo desesperançado da alma que lançou o grito do *Hymno da manhã,* dos *Espectros* e da *Consulta* têm a mesma largueza audaciosa, a mesma intensidade de emoção, a mesma solidaridade com as almas eleitas do seu seculo: as que sahiam do medievalismo e attonitas achavam mundos novos, horizontes inéditos para os olhos e para o coração, e as que fugiam, scepticas e doentes, do mundo artificioso da philosophia e da sciencia com suas promessas vâs.

Estes são, no meu julgar, os momentos supremos do soneto portugués, em verdade bem representados nesta anthologia pelo gosto delicado do Sr. D. José María Cossío escolhida e flelmente traduzida.

Mas desde que Sá de Miranda o introduziu em Portugal, fixando-lhe o typo italiano, que lhe delineáram definitivamente Petrarcha e Aretino, toda uma historia, com variantes menores, mas de interesse e de belleza, se documenta. O que essa historia não terá tal vez e sequencia continua, porque após aquelle grupo de poetas italianisantes chefiados por Miranda e logo por Antonio Ferreira, depois do mysticismo de Fr. Agostinho da Cruz e do clarão que ainda accende o ultimo abencerragem do quinhentismo, o suave Rodrígues Lobo, a seguir ao cultismo de D. Francisco Manuel de Mello, o soneto cahe em desfavor acompanhando aquella decadencia collectiva dos generos poeticos, que preparou o advento do reinado da prosa. O mysticismo conventual ferido por lyras femininas é o seu refugio, como o cultismo academicista é o seu envilecimento. A Arcadia Lusitana com Diniz, Garção, Quita, e as sobrevivencias do espirito della com Tolentino, Bocage, Xavier de Mattos restituem-lhe o predominio entre os generos nobres. Mas o romantismo, infrene na expansão da sua sensibilidade recem-libertada, não se conformou com a imitação disciplinada desses quatorze versos regidos por severos canones quanto á rima, ao metro e ao proprio theor, e deixou-o soffrer a concorrencia dos outros generos. Foi aquella geração do realismo—a pleiade brilhantissima que em Hespanha tão viva estima concitou—que de novo e para sempre o enthronizou numa surprehendente concordan-

cia de esforços, os poetas do amor com João de Deus á frente, os pensadores com Anthero de Quental, os philanthropos altiloquos com Junqueiro e Gomes Leal, os parnasianos com Gonçalves Crespo e Feijó, os symbolistas, os nacionalistas, os independentes: Eugenio de Castro, Antonio Nobre e Cándido Guerreiro.

Cumpre registar uma peculiaridade: desde Sá de Miranda—aparte caprichos momentaneos e pequenos matizes pouco heterodoxos—sempre se mantene o typo italiano do soneto português. Um homem de gosto e saber, o meu saudoso amigo Fernandes Costa, ainda ha alguns annos salientava a distancia bem caracterizada que separa o soneto italiano do soneto inglês, que, mais em Shakespeare do que em Milton, influenciado por leituras italianas, «não seria chamado soneto em qualquer outra lingua, daquellas onde a forma petrarcheana prevaleceu».

A intensidade amorosa, de caracter sentimental, complicada de ideaes transcendentes, aparta o soneto erotico portugués do que se cultiva noutra litteratura da mesma lingua, a brasileira, onde o parnasianismo de forma e a vehemencia voluptuosa têm posto á prova poetas superiores. E quando a vibratilidade requintada de Elisabeth Barrett quiz designar é definir os seus sonetos, em que cantava o amor purissimo que lhe grangeàra Robert Browning, não achou expediente mais azado que o chamar-lhe *Sonnets from the portuguese*. E isso será um heraldico pergaminho para o soneto português.

* * *

Consagrei á interpretação critica da literatura do meu paiz, «a maior que um pequeno povo tem traduzido, exceptuada a Grecia antiga», no pensar de Mr. Aubrey Bell, tres lustros, durante os quaes os thesouros de emoção e os cunhos de forte e superior humanismo, que ella contem e esconde com certa avareza, profundamente influiram na minha formação moral. Não posso, por isso mesmo, quando liberto da tyrannia dum programma parto á busca de outros horizontes em que espraie a vista ansiosa e outras fontes, em que me dessedente, deixar de me congratular porque outros espiritos lhe sintam o encanto e a attracção. E quando esses espiritos são da alta estirpe, da cultura, da delicadeza e da serenidade de juizo do meu amigo D. José María Cossío, ao jubilo accresce a gratidão.

FIDELINO DE FIGUEIREDO.

21-8-24. Lisboa.